

## **EDUCAÇÃO ALTERNATIVA: DEGUSTANDO EXPERIÊNCIAS**

Noa Cykman

**Palavras-chave:** Educação. Pedagogia. Aprendizagem significativa.

Entrar como professora em sala de aula pode ser paradoxal quando se discorda de quase tudo quanto há instituído na classe e na escola: desde sua estrutura física, com grades, fileiras e sinais, até a postura autoritária e coercitiva de controle que se impõe pelos adultos. É sabido por pesquisas e por todos que a escola contemporânea desagrada à maioria dos jovens, além de ser-lhes em grande parte inútil, visto que os conteúdos são, na melhor das hipóteses, memorizados, e ficam dentro dos muros da escola. Entrar nesse contexto pode ser, por outro lado (no avesso do paradoxo), uma oportunidade de agenciar um processo, por pontual que seja, de transformação. O estágio permitiu experimentar uma reação ao que me parecem fraquezas e assincronias da escolarização convencional, a partir da adoção de novos horizontes educativos, alternativos ou complementares à educação tradicional. A primeira mudança é teórica: cambiar o tratamento dos alunos a uma receptividade que os enxerga a todos como inteligentes, cada um com capacidades e interesses distintos; em vez de exigir que eles se adaptem às aulas, tentamos adaptar-nos a eles. Respeitamos suas subjetividades e seus juízos, apresentando-nos como aliados. Essa relação iniciou-se já na primeira aula, quando adentramos a esfera prática da mudança, ao acordar em conjunto as regras e sanções que estruturariam nosso trabalho – nosso: professores e alunos. Com vistas a uma construção de conhecimento coletiva, harmônica, com base no respeito e na identificação com as normas, ensinamos dentro dos limites de uma escola convencional, mas mirando a educação democrática. Notavelmente, os alunos respeitaram o regulamento combinado durante todas as aulas, assentindo com genuinidade e complacência quando lhes precisamos chamar a atenção. A terceira mudança é metodológica: para atender a distintos perfis e competências, a diversificação didática é uma atualização necessária. Ao utilizarmos de atividades, jogos, dinâmicas, debates, exercícios que visavam estimular e envolver os estudantes, procuramos possibilitar um processo de aprendizagem significativa (ROGERS, 1961), em que a partir de sua autonomia e criatividade pudessem atribuir sentidos próprios aos temas pautados. Aproveitamos seus gostos, consideramos suas opiniões e propusemos sem cobrança. Na maioria das aulas contamos com a participação positiva de alunos – nem sempre os mesmos, tal como intencionado. Trocamos o tratamento englobante pelo individual, e o individualismo pela elaboração coletiva; a disciplina pela atividade, o conteudismo pelo significado e a exigência rigorosa pela orientação emancipatória.

### **Referências:**

- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GARDNER, Howard. Estruturas da mente: A teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.
- MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- NEIL, Alexander Sutherland. Liberdade sem medo. São Paulo: Brasiliense, 1978.

II Simpósio Formação de Professores e Práticas Pedagógicas  
28 e 29 de Novembro de 2013

RANCIÈRE, Jacques. O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ROGERS, Carl. Liberdade para aprender. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

ROGERS, Carl. Tornar-se pessoa. São Paulo: Martins Fontes, 1961.